

Os restos do ofício de sapateiro nos becos de uma cidade na produção do comum

The remains of the shoemaker in the alleys
of a city in the production of the common

Thiago Pereira Machado; Maria Elizabeth Barros de Barros; Luís Antônio do Santos Baptista; Pablo Cardozo Rocon

Universidade Federal do Espírito Santo; Universidade Federal Fluminense; Universidade Federal de Mato Grosso

RESUMO:

Por meio do diálogo com autores que se situam no campo das discussões sobre trabalho, foi analisado o ofício de sapateiro e a cooperação como dimensão importante desse gênero profissional. A cooperação é um aspecto importante para o desenvolvimento do trabalho e para o estabelecimento de regras do ofício. Em intercessão com Walter Benjamin, a pesquisa foi realizada na cidade de Cachoeiro de Itapemirim, Estado do Espírito Santo, Brasil, por meio de narrativas com os sapateiros sobre seu ofício e a sua relação com a cidade. Foi observado que os sapateiros, ao trabalharem, mobilizam a cooperação engendrando formas coletivas e inventivas de agir para realizarem suas atividades frente às demandas que se apresentam. A cooperação não foi tomada como aumento da força produtiva, mas como uma dimensão do trabalho que faz emergir uma força coletiva, uma nova força produtiva.

Palavras-chave: cooperação; experiência; ofício; trabalho do sapateiro

ABSTRACT:

Through dialogue with authors in the field of discussions about labor, the shoemaker's craft and cooperation as an important dimension of this professional genre were analysed. Cooperation is an important aspect for the development of labor and for the establishment of rules of the trade. In intercession with Walter Benjamin, the research was conducted in the city of Cachoeiro de Itapemirim, State of Espírito Santo, Brazil, through narratives with the shoemakers about their craft and their relationship with the city. It was observed that shoemaker, when working, mobilize cooperation by creating collective and inventive ways of acting to perform their activities in the face of the demands that arise. Cooperation was not taken as an increase in the productive force, but as a dimension of work that gives rise to a collective force, a new productive force.

Key-words: cooperation; experience; craft; shoemaker work

DOI: 10.12957/mnemosine.2021.61853

Os restos do ofício em meio aos becos da cidade

Conhecida pela riqueza alavancada no comércio de rochas ornamentais do setor do mármore e granito no Brasil, a cidade de Cachoeiro de Itapemirim, no Espírito Santo,

Brasil, ocupa um lugar de prestígio no cenário nacional (PACHECO, 2010). Santos (2011) destaca que 80% das empresas do setor de rochas no país localizam-se no município de Cachoeiro de Itapemirim e regiões adjacentes. A cidade orgulha-se dessa realidade bem como dos personagens cachoeirenses aclamados no cenário nacional: “[...] a Princesinha do Sul, como é carinhosamente conhecida, orgulha-se por ter entre seus conterrâneos personagens de prestígio nacional, como Rubem Braga, Sérgio Sampaio, Roberto Carlos e Jece Valadão” (PACHECO, 2010: 13).

Essa forma discursiva de abordar a vida na cidade, comum em textos jornalísticos, em cadernos sobre turismo e economia, deixa passar despercebido um aspecto relevante da problemática do trabalho em Cachoeiro do Itapemirim: os altos índices de adoecimento, acidentes e morte em diversos setores do trabalho (PACHECO, 2010; SANTOS, 2011). Daí entendemos que na produção de uma narrativa, há uma escolha política do que, como e porque narrar sobre fatos, histórias, etc.

Num exercício político de narrar, as escolhas destacam ou omitem elementos, dependendo dos interesses e experiências de quem narra. Narrativas como as apresentadas por Ariele Binoti Pacheco (2010), mostram modos de dizer a vida e o trabalho na cidade que não dão visibilidade à subjetividade-artífice, nem aos processos de adoecimento e morte pelo trabalho na cidade que algumas pesquisas indicam (MOULIN; REIS & WENICHI, 2001; MOULIN, 2006; PACHECO, 2010; SANTOS, 2011).

Estabelecemos uma direção metodológica diferente das pesquisas que citamos. O propósito foi construir narrativas, por meio de conversas com pessoas que fazem parte da paisagem de Cachoeiro de Itapemirim, entendendo que a história do ofício de sapateiro não se encontra desatrelada da história da cidade. Construimos um trabalho no qual foi possível conhecer mais de perto a vida dessas pessoas, escutando o que tinham a dizer. Narrando uma história.

Não foi apenas de granito que se deu a constituição da cidade. Cachoeiro de Itapemirim já teve grandes indústrias, como a fábrica de tecidos, que chegou a produzir aproximadamente 2 milhões de metros de tecido de algodão por ano. Pequenas empresas de material de construção compuseram uma paisagem na cidade, como as indústrias de cal, ladrilhos e cerâmica, entre outras. Acredita-se que esse movimento foi impulsionado pela instalação da fábrica de cimento, que, ainda hoje, se encontra em operação. Muitas dessas empresas ainda existem como, por exemplo, a fábrica de pios para pássaros produzidos em madeira, objetos que se tornaram tradicionais em Cachoeiro de Itapemirim

(MORRO DO MORENO, 2016).

Ao longo da história da cidade, a indústria de calçados também ocupou um lugar de destaque. Atualmente, o trabalho com calçado não é mais considerado a principal fonte de empregos na cidade e, assim, o ofício não ganha espaço nas narrativas que produzem a cidade como sinônimo de prosperidade. A invisibilidade narrativa desse ofício dialoga com sapateiros deixados às margens, entre os becos da cidade. Muitos trabalhadores desse setor ainda moram em Cachoeiro e possuem em seus corpos, oficinas e ofício, as memórias de um artífice-sapateiro. É sobre esses trabalhadores que este texto se debruça, a uma subjetividade-artífice que vai se forjando nesse ofício, com atenção especial à dimensão de cooperação, um de seus traços mais importantes. A invisibilidade do trabalhador sapateiro e o silenciamento de uma poética da criação predominam nas narrativas sobre a cidade. Assim, narrar esse ofício é uma escolha política e ética de narrar modos de vida esquecidos em guetos e tratados como vidas infames, vidas que não merecem ser nomeadas.

O mercado de exploração de rochas e sua alta lucratividade tem absorvido a mão de obra de uma parte significativa da população e, por isso mesmo, tomado espaço na narratividade sobre outras formas de trabalho na constituição da cidade cachoeirense. Contudo, ainda assim, apesar de certos modos de vida e trabalho não encontrarem espaço de visibilidade e reconhecimento público na organização social e técnica do trabalho na maquinaria capitalista, podemos encontrar ofícios, como o do sapateiro, que resistem e permanecem em meio às mudanças na paisagem econômica da cidade. A imagem do sapateiro, como estratégia de pensamento, pode nos ajudar a pensar esse paradoxo que se apresenta em meio à produção de modos de vida capitalizados em termos de produção econômica, que, apesar de geralmente percebido por muitos como obsoleto, vê-se ainda muito solicitado em Cachoeiro. Em alguns becos da cidade, lugares por vezes esquecidos, ainda é possível encontrar uma pequena loja com seus variados modelos de calçados, muitos esquecidos pelos clientes, outros em espera para reparos.

Por que reparar sapatos permanece como ofício resistente às mudanças na paisagem econômica cachoeirense? Não é demais lembrar, em termos marxianos, que apesar dos avanços das forças produtivas do capital, tais avanços, pela lei geral da acumulação capitalista, indicam avanços também na produção de miséria e pobreza. A relação diretamente proporcional entre avanço na produção de riqueza e miséria, vai indicando que nem todos poderão acessar modos de vida constituídos na relação consumo-descarte e, assim, o reparo de sapatos continua sendo necessário, apesar de

posto numa condição de trabalho menor, precário e invisível.

A partir dos pressupostos apresentados até aqui, este artigo propõe analisar o ofício do sapateiro em meio a constituição de uma paisagem-existência na cidade de Cachoeiro de Itapemirim. Paisagem que não se resume aos limites da visibilidade, como os cartões postais de uma cidade, mas como imagem na escrita que recusa o conforto da familiaridade do olhar, ou do pensamento.

Artesanato e manufatura

Quando falamos do trabalho do sapateiro como artesanato é necessário marcar algumas diferenças entre o modo de produzir mercadorias no contemporâneo e um modo de produzir ao qual pode ser chamado de artesanal. Não se trata de fazer um elogio ao modo de vida artesanal em detrimento de outros modos de organização do trabalho, mas, sim, mostrar que no trabalho do sapateiro, com seus aspectos de artesão, um certo modo de vida se faz em meio à produção do calçado, em que se destaca a cooperação entre os trabalhadores que resistem a invisibilização da profissão na cidade.

Vale ressaltar, ainda, que quando se fala em habilidade artesanal, tendemos à interpretação de algo que já não existe após a captura do trabalho pelo capitalismo industrial. Entretanto, Richard Sennett (2013) nos ajuda com a seguinte afirmação: "Habilidade artesanal designa um impulso humano básico e permanente, o desejo de um trabalho benfeito por si mesmo" (SENNETT, 2013: 19). Isso é o que podemos aproximar daquilo que concebemos como ofício.

Karl Marx (2014) nos indica que o processo de manufatura não se diferencia drasticamente de certo artesanato corporativo. Uma diferença marcante será o maior número de trabalhadores pertencentes ao mesmo capital. Para tal processo de trabalho e seu desenvolvimento, a cooperação como "[...] a forma de trabalho em que muitos trabalham juntos, de acordo com um plano, no mesmo processo de produção ou em processos de produção diferentes, mas conexos" (MARX, 2014: 378), terá imprescindível papel.

Para Marx (2014), o trabalho sempre se dá de modo coletivo, estejam os trabalhadores dentro de uma mesma fábrica ou não. Aqui se enfatiza a dimensão da cooperação não restrita ao somatório de corpos trabalhadores em venda de força de trabalho. A cooperação é o meio pelo qual emerge outra força produtiva, que pode ser nomeada de força coletiva.

Tomando por exemplo o trabalho do sapateiro em seus variados processos, foi possível observar na produção desta pesquisa, que é necessário para a fabricação de calçados a divisão do trabalho em cinco estágios: modelagem, corte, costura – que pode ser manual ou à máquina (pesponto) –, montagem e acabamento. As operações em cada um desses estágios variam de acordo com o modelo desejado, a organização de trabalho escolhida, tecnologias empregadas, dentre outros aspectos (NAVARRO, 2003). Diante dessas etapas, o tempo de produção de calçados variará se todas as etapas forem executadas por um sapateiro isoladamente ou por um grupo de sapateiros em cooperação.

Ao juntarmos outros sapateiros, cada um executando uma dessas tarefas, pode-se constatar um ganho de tempo na execução do calçado. O tempo gasto para a mudança de uma tarefa à outra, para a adaptação à nova tarefa, acabam sendo reduzidos quando executados de maneira constante por uma ou mais pessoas. Certas limitações individuais podem ser eliminadas quando os trabalhadores se agenciam, como, por exemplo, quando uma pessoa sozinha não é capaz de erguer uma máquina pesada, porém, coletivamente, a tarefa pode tornar-se possível.

O ofício passa a ser fragmentado e ocorre que cada trabalhador se especializa em uma determinada tarefa. Permanecer na mesma tarefa por uma maior quantidade de tempo, impõe ao trabalhador o desenvolvimento de habilidades e a especialização pela repetição da tarefa, tornando, com o tempo, o trabalho mais ágil. Vê-se, então, a serialização do trabalho como motor para ampliar a produção num modo de gestão organizado por pressupostos fordistas e tayloristas. Tal modo coloca como paradoxo o aumento da produção em meio ao esgotamento físico e mental dos trabalhadores. Tais pressupostos, ao vislumbrarem disciplinar, normalizar e quantificar movimentos corporais, tempo e produção, buscam castrar a dimensão criadora do trabalho em função da padronização de uma produção. Nesses termos, o trabalho passa a ter vigilância e tentativas de controle de sua dimensão inventiva de modos de viver e trabalhar.

A fragmentação do ofício trouxe, ainda, outras consequências, como a eliminação do desenvolvimento de habilidades adquiridas dentro da oficina, transmitidas por seus mestres artesãos aos seus aprendizes, numa hierarquia entre mestre e aprendiz. Para a execução de um ofício exigia-se um certo treinamento, mas com a manufatura os processos de trabalho, ao serem fragmentados, não exigem de um trabalhador, para que execute determinada tarefa, o conhecimento da totalidade da produção. O que antes exigia certas habilidades acumuladas com o tempo, agora apostam que um trabalhador consiga executar uma tarefa específica, o que por sua vez, reduz os custos de produção.

As regras do ofício

A profissão é também uma arte de viver onde se encarnam, se consolidam e se reproduzem as regras fundamentais do ofício (CRU, 1987: 42).

As formulações de Damien Cru (1987) sobre regras do ofício aqui são resgatadas a fim de analisar o ofício do sapateiro e, conhecer suas regras do ofício. Como indica esse autor, cada ofício estabelece suas próprias regras, o que não se refere a protocolos e regulamentos internos do estabelecimento. Tais regras, segundo Cru (1987), diferem drasticamente, tendo em vista que as regras do ofício não preveem nenhuma punição aos seus “contraventores”. “A regra não é feita para punir, ela baliza, ela permite a cada um perceber a si próprio” (CRU, 1987).

Cru destaca a importância de não se precipitar ante uma tarefa, observar, gastar tempo com o olhar, perceber as nuances do terreno. Quando há precipitação, tende-se a escolher o caminho mais fácil e corre-se o risco de, no meio do percurso, não se saber ao certo como prosseguir com a tarefa. A espera é fundamental no ofício.

O trapeiro se lembrará das vezes em que era orientado a prestar muita atenção no calçado. Era pedido que ficasse bastante tempo olhando, mas certa vez, num ato de rebeldia, querendo terminar logo o serviço, decidiu não dedicar tempo olhando o par de calçados a sua frente. Chegando próximo da etapa de finalização, não conseguia fazer o cabedal moldar como deveria na fôrma; tentou de diversas maneiras, até que ao longe seu pai percebeu que algo não ia bem.

Aproximou-se do trapeiro, pegou o calçado em suas mãos e ficou em silêncio, como se pudesse enxergar uma alma dentro daquele sapato. Depois de um certo tempo, se dirigiu ao trapeiro e lhe disse:

– *Qual a primeira regra que lhe ensinei?*

Um silêncio se instaurou enquanto o jovem garoto tentava se lembrar de tal regra, até que, como um relâmpago, lhe vieram à mente as palavras que haviam lhe dito.

– *Olhar atentamente – disse o trapeiro.*

Nesse instante, seu pai lhe entregou o calçado e acrescentou:

– *E não tenha pressa. (MACHADO, 2019: 52)*

Ao esperar, o trabalhador pode encontrar o melhor lugar para ficar, melhor posicionamento do material a ser trabalhado, selecionar as ferramentas que precisam estar dispostas, de modo que, ao iniciar o trabalho, essas variáveis não o impossibilitem de

encerrá-lo. Pode-se assim dizer que uma primeira regra do ofício seria: não se precipitar.

Cada ofício cria os seus próprios códigos que podem variar de região para região. No caso do trabalho do sapateiro, destacamos o processo de juntar as peças de couro com cola para que sejam entregues à costureira e, assim, ela possa executar a costura com maior facilidade e precisão. Tal processo no estado do Espírito Santo é conhecido como “armação”, mas, se nos deslocarmos ao extremo sul do país tal processo é nomeado “preparação”. Independentemente do nome que se dá a tal processo, se observarmos dois trabalhadores, cada um de um Estado, ambos irão executar a tarefa com a mesma destreza em suas especificidades.

Outro ponto importante no ofício é o que se pode nomear tomada de distância, observar a olho nu o trabalho que está sendo feito. Observando por alguns dias um sapateiro trabalhar, será possível constatar que, em determinados momentos, ele se levanta, fecha um dos olhos e sob diversos ângulos de visão analisa como o sapato está ficando.

Olhe com cuidado e não tenha pressa, isso irá lhe poupar um tempo muito maior evitando equívocos posteriores. Tal ensinamento havia se fixado na mente do trapeiro, que ia se dando conta cada vez mais de que havia uma certa construção comum entre os sapateiros. Não sabia ainda ao certo o que seria, mas era como se de algum modo eles se comunicassem. As regras apontadas na pequena sapataria de casa reverberavam de alguma maneira dentro daquela sapataria no centro da cidade. (MACHADO, 2019: 55)

Ao tomar distância, o trabalhador observa o trabalho feito, mas também analisa se aquilo lhe agrada os olhos. Não basta fazer certo. É preciso que aquilo lhe agrade. Distanciar-se também pode dizer de ir a outro lugar. "A regra de trabalho sem precipitação se acompanha de uma liberdade implícita, a de se deslocar no canteiro, uma liberdade admitida, sem ter que justificar esse deslocamento" (CRU, 1987: 36).

Ao se deslocar no ambiente de trabalho é possível respirar, olhar os outros companheiros trabalhando, arrumar as ferramentas para o próximo dia de trabalho e assim, com mais calma, retomar o trabalho e perceber coisas que antes não havia percebido. Outros campos de olhar surgem. O seu olhar, o olhar dos demais companheiros, suportar o olhar do outro quando se está costurando um sapato, por exemplo. Ao fim de cada jornada de trabalho, o sapateiro pode se perguntar o que o espera no dia seguinte, quais tarefas precisam ser executadas na continuidade da obra.

Há uma regra de ouro do ofício que não deve ser negligenciada. Aquele que inicia um trabalho, deve terminá-lo. O sapateiro percorre todo o processo, antecipa as tarefas,

visualiza o sapato pronto antes mesmo de fazer o primeiro corte na peça de couro. Ele domina todo o processo, o que o permite verificar cada ponto.

Quando pega um sapato nas mãos, um sapateiro experiente sabe todas essas regras e, apropriando-se delas, pode assim ter conhecimento de um todo do processo. Isso não significa que não busca sugestões dos demais companheiros dentro da oficina; pelo contrário, quanto maior a convivência, maior é a cooperação. O fato de a regra de ouro ser tão importante é que ela fala sobre o modo como cada sapateiro opera com cada uma dessas regras, o que torna cada sapateiro diferente do outro. Como já anunciamos, as regras do ofício não têm como objetivo moralizar o trabalho, mas possibilitar aos sapateiros produzirem sentidos no trabalho. (MACHADO, 2019: 58)

Outra regra do ofício: cada trabalhador possui a sua ferramenta. Cada ferramenta possui uma história, traz consigo experiências do campo de trabalho, se torna verdadeiro tesouro que os que conhecem o ofício conseguem identificar. Cru (1987) nos indica, assim, um modo de pensar o ofício a partir das seguintes regras:

- *A regra do tempo:* não se precipite, nem devagar nem depressa;
- *A regra de ouro:* cada um termina aquilo que começa;
- *A regra da ferramenta:* cada um trabalha e possui suas próprias ferramentas;
- *A regra da passagem livre:* poder circular em todo o ambiente de trabalho.

As regras do ofício servem de subsídio para o trabalhador sapateiro construir modos de cooperação na sapataria com os demais parceiros de trabalho. Quanto mais definidas são essas regras pelos próprios trabalhadores, entende-se que melhor é a relação de contribuição entre eles.

O artesão sapateiro – um ofício em extinção?

Entendemos que o tema da cooperação no trabalho do sapateiro se faz como construção do comum, entendido na sua dimensão de heterogênesse e heterogeneidade. As contribuições de Damien Cru no que diz respeito às regras do ofício nos conduzem à formulação de algumas questões: Como os sapateiros criam e se utilizam de regras no seu ambiente de trabalho? Como constroem regras de coletivização no trabalho? Como produzem um comum?

Homens, mulheres e trabalho encontram-se intrinsecamente ligados, não se fazem apartados, o trabalho não pode ser concebido de maneira isolada daquele que o realiza. Uma vida se forma em meio ao ambiente de trabalho. Nesse sentido, o que forma uma

vida não são os acontecimentos em si, como acúmulo, mas, sim, a experiência que atravessa os acontecimentos de um processo de trabalho com sua dimensão formativa inquestionável a partir das relações de produção que formam sujeitos e objetos a um só tempo (ZAMBONI, 2014). Ao trabalhar, o sujeito não só aprende um ofício, mas também inventa a si próprio ao aprender em meio à atividade. Construir calçados é também construir caminhos de sua formação. Formação de um ofício, aqui, de sapateiro, indissociável da produção de um coletivo de trabalho.

Segundo Yves Clot (2013), um ofício comporta quatro instâncias – pessoal, interpessoal, transpessoal e impessoal – sendo o ofício aquilo ao qual o trabalhador possa se reconhecer. No trabalho, pode-se dizer que amamos algo, e não apenas alguém. Em alguns modos de organização do trabalho o ofício seria esse algo no qual podemos nos reconhecer (CLOT, 2013).

Entende-se, assim, que há no ofício uma dimensão que é pessoal, singular, que se vê frente ao inesperado, mas, que se faz direcionada a alguém. Sem o outro a atividade não teria sentido (CLOT, 2013). Ainda na perspectiva do autor, o ofício comportaria uma dimensão que é atravessada por um coletivo, diversos sujeitos de gerações distintas, que por essa organização coletiva da atividade pode assegurar, ou não, uma manutenção de um gênero. Essa dimensão é assim chamada de transpessoal. Já a dimensão impessoal do ofício consistiria na instância prescritiva da atividade.

O ofício pode ser inviabilizado quando algumas dessas dimensões – pessoal, interpessoal, transpessoal e impessoal – apontadas por Clot (2013), se tornam interdidas. O ofício não é estático, ele é vivo. Nos distanciamos das perspectivas que consideram que somos adaptados a viver em situações concebidas a priori. Ao contrário, consideramos que o mundo do trabalho nos ensina o quanto o trabalhador cria contextos para que a vida no trabalho se dê.

Seguindo e acompanhando esses autores, pensamos o trabalho do sapateiro como uma prática que contempla um campo de multiplicidades que estão constantemente em mudança, por isso é importante afirmar que a atividade não produz apenas objetos, mas formas de vida (BRITO; BARROS; JUNGER, 2015).

Trabalhar não consiste em apenas produzir, é viver junto (GERNET; DEJOURS, 2011). A vida no trabalho estabelece regras, normas. Ela organiza a vida no compartilhamento de uma paisagem, de uma cultura, de uma cidade. Seguindo essa direção de análise, a cooperação não é simples meio para aumento na força de produção individual, ainda que por meio dela a força de trabalho seja ampliada, mas, sim, para a

produção de uma força coletiva e, portanto, uma nova força produtiva (SENNETT, 2015). Tal princípio ético-político considera que os humanos são produto e produtores de um processo histórico e não podem ser reduzidos a um plano de produção preestabelecido, o que coloca em destaque a relevância das ações cooperativas na constituição da história dos ofícios e da humanidade.

A experiência com os sapateiros indicou a relevância da cooperação. Ao trabalhar, os sapateiros mobilizam a cooperação ao engendrar formas coletivas e inventivas frente às demandas que se apresentam nas situações de trabalho. O sapateiro não só aprende um ofício no curso da atividade, mas, também, inventa a si próprio e aos mundos do trabalho no processo de formação em meio laboral. O ofício de construir calçados é, principalmente, construir caminhos de formação e cooperação.

A experiência no trabalho do sapateiro

A dimensão transpessoal do ofício é aquilo que Clot (2013) vai associar com o gênero que compartilhamos independentemente de uma consciência, pois pertencemos ao mesmo ofício e à sua história. O ofício de sapateiro em Cachoeiro constitui um gênero profissional porque, por meio dos sapateiros desta cidade, partilham uma dimensão transpessoal do ofício. O trabalho com o sapateiro, na nossa pesquisa, nos leva a afirmar que a dimensão da cidade, seus modos de vida, não pode estar dissociada da dimensão desse gênero profissional, uma vez que o gênero muda, também, em função das mudanças da cidade.

Aproximamos assim a noção de gênero em Clot (2013) à de experiência em Walter Benjamin (2012b). O Sapateiro de Cachoeiro de Itapemirim não é o mesmo sapateiro do Rio de Janeiro. Estamos falando de um mesmo ofício, mas, a maneira como eles se colocam a partir do modo como as cidades se organizam, não são os mesmos. Pensamos a dimensão da atividade como experiência. E essa dimensão transpessoal do ofício nos aproxima daquilo que Benjamin aborda com uma questão da transmissibilidade. Narrar sobre o ofício do sapateiro em Cachoeiro, comporta essa dimensão geracional conforme nos relatam alguns trabalhadores.

O gênero sapateiro de Cachoeiro de Itapemirim como experiência (BENJAMIN, 2012b), pois um saber é transmitido, deixando marcas no próprio corpo ao ser partilhado. Experiência, aqui, não se trata daquilo que cada pessoa vivencia. A isso Benjamin (2012b) vai nomear *Erlebnis*, que seriam as vivências acumuladas ao longo da vida, o que

indicaria que quanto mais acúmulos se possui, mais experiência haveria. Em contrapartida, Benjamin vai utilizar o termo *Erfahrung* que se opõe ao modo capitalista de pensar as relações como de um sujeito privado, íntimo, invocando um modo de vida transmissível, que se faz no coletivo. Falar do trabalho dos sapateiros é falar de uma história coletiva da cidade, bem como dos demais trabalhadores desse ofício.

Narrar esse ofício é ultrapassar a noção da oralidade, incluindo um investimento corporal que conta uma história que deixa marcas de si como um oleiro deixa suas marcas ao moldar o vaso (BENJAMIN, 2012a).

O gênero, como experiência, é transmitido não pelo trabalhador em si, mas por meio da própria história desse ofício que é atravessada também pelo trabalhador sapateiro (LIMA; BAPTISTA, 2013). A experiência como partilha, como continuidade de uma história, como fortalecimento de um gênero profissional, se faz pelo dialogismo, pelo seu caráter de transmissibilidade.

Nas conversas com os trabalhadores ficou reafirmada a tese de que trabalhar não se reduz a produzir mecanicamente, é viver junto (GERNET; DEJOURS, 2011). A vida no trabalho das sapatarias estabelece regras e normas balizadas pelo modo como a vida tem se organizado na cidade, mas, também, organiza a vida na cidade.

O gênero só se fortalece no diálogo. Trabalhar é viver junto, viver é viver experiência, e experiência é o que te marca, que te transforma, e é coletivo. Logo, a ideia de cooperação como transmissão de experiência possibilita a produção do comum.

O conceito de experiência (*Erfahrung*) ocupou um certo lugar de prestígio ao longo da obra benjaminiana. Tal conceito foi se modulando ao longo dos anos nas suas produções, chegando ao ponto de conceber a experiência como da ordem do coletivo, não fixada em um único sujeito como experiência intimista. É se apropriando dessa noção que se estabelece aqui a relação com o trabalho dos sapateiros, bem como com os seus aspectos de cooperação na criação e reparo de calçados.

Em "*Experiência e Pobreza*" (2012b), texto de Benjamin publicado em 1933, o autor conta uma pequena parábola de um pai, vinhateiro, que se encontra em seu leito de morte e diz aos seus filhos da existência de um tesouro enterrado. Após a sua morte os seus filhos cavam todo o terreno e não encontram tesouro algum, até se darem conta, com o passar do tempo, no período de colheita, que suas terras produzem as melhores uvas da região. Assim, seus filhos compreendem que seu pai havia lhes transmitido uma experiência.

Esse relato de Benjamin nos conduziu a uma cena ocorrida em uma pequena

oficina, familiar, localizada na cidade de Cachoeiro de Itapemirim, no curso da pesquisa. A cena nos ajuda a pensar como essa noção de experiência se expressa na gestão do trabalho do sapateiro. Trata-se de uma sapataria herdada pela filha, cujo o marido e o filho aprenderam com seu pai o ofício.

– Primeiramente, é couro, sim, você não estava errado. É possível perceber pelo olhar, o brilho do couro é diferente dos materiais sintéticos, mas às vezes engana. Aprendi com meu sogro há muito tempo, que aprendeu com o pai dele essas nuances de material. Quando o olhar te confundir, você tem o toque, o toque que o couro possui. Sua textura e maciez são perceptíveis para aquele que conhece os materiais. Por último, você tem o olfato, você pode sentir o cheiro, embora esse não seja tão confiável levando-se em consideração que os materiais sintéticos atualmente conseguem reproduzir quase identicamente o mesmo odor que o couro possui. Entretanto, com um olfato apurado é possível diferenciar quando estamos diante de um material de couro ou sintético. (MACHADO, 2019: 55)

Todo um saber fora assim transmitido e, juntamente com Benjamin, podemos nos indagar “qual o valor de todo esse patrimônio cultural, se a experiência não mais o vincula a nós?” (BENJAMIN, 2012b: 124).

Tal indagação se faz conectada com a afirmação de Benjamin de que estamos pobres em experiências transmissíveis, e, que esse caráter descolado de um coletivo tem nos distanciado cada vez mais dessas experiências. Entretanto, cabe também observar, em meio a essa escassez, quais os vestígios de experiência podem ser vislumbrados enquanto se faz sapato.

Como já indicamos, o ofício do sapateiro, na cidade de Cachoeiro de Itapemirim, não ocupa o mesmo lugar de prestígio que no passado lhe era atribuído. Entretanto, isso não significa que tenha sido extinto, e, ainda hoje, mesmo em tempos de produções serializadas com custos cada vez mais reduzidos, o ofício do sapateiro não deixou de ser requisitado, sobretudo, quando se procura algo exclusivo. "Toda perícia artesanal é um trabalho voltado para a busca de qualidade" (SENNETT, 2013: 34).

Há algo no trabalho desses sapateiros, algo que lhes foi transmitido ao longo das gerações, que torna o seu trabalho reconhecido pelos habitantes da cidade.

Adentrando a sapataria podemos encontrar cada um ocupando um certo lugar naquele pequeno espaço, cada um parece saber e executar com exatidão aquilo que lhe é atribuído. Embora cada um esteja executando uma tarefa específica, se olharmos atentamente, iremos constatar que possuem uma espécie de sincronia, algo que os corpos talvez nem se deem conta que estão fazendo, mas que encontram suporte no outro, uma relação de confiança de que o companheiro de trabalho sabe exatamente o que fazer ao

mesmo tempo que o outro sabe que pode contar com o comprometimento de seus demais companheiros.

Conforme o relato de alguns sapateiros, a família trabalha conjuntamente, constitui uma vida em comum, uma parceria, estabelece relações de cooperação no intuito do trabalho bem feito, mas também, porque ao trabalhar em cooperação, as relações de afeto se fortalecem. A cooperação no trabalho cria afinidades, estabelece normas, supera dificuldades, pois um problema partilhado no coletivo tem maior chance de ser superado.

Uma cliente entra na sapataria. Porta uma bolsa nas mãos e não sabe ao certo se compensa o valor do reparo. A esposa do sapateiro, à escuta, toca na bolsa, sente o toque do material, sua textura, seu cheiro e antes mesmo que possa responder à cliente, seu filho, ao longe, responde que a bolsa é de couro e, que, devido ao caráter nobre do material, o reparo se fazia altamente lucrativo.

A cliente se admira com a cena e indaga a mãe como aquele jovem ao longe conseguira reconhecer a qualidade do material de sua bolsa. Ela ainda incrédula chama o jovem que se aproxima e toma nas mãos a bolsa, repete os mesmos gestos da mãe e sustenta a afirmação. Sim, é couro. Não satisfeita a cliente se dirige ao senhor sentado em uma banquetta costurando manualmente a sola de um sapato. O senhor continua executando a tarefa ao qual estava concentrado e apenas diz que se o seu filho havia dito que era couro, então era couro.

A mãe explica que seu filho praticamente nascera dentro da sapataria e aprendera com o avô, e posteriormente com seu pai, o que sabe sobre calçados e bolsas.

Um saber é transmitido ao longo do tempo, uma tradição é assim estabelecida e encontra continuidade na palavra proferida de pai para filho e, como nos aponta Jeanne Marie Gagnebin (2013), poderíamos dizer que a sapataria remonta um certo fazer das sociedades "artesanais", uma certa lentificação do tempo em uma oposição ao tempo entrecortado e deslocado do trabalho atual e, assim, a possibilidade de uma experiência transmissível se dá.

"Os dias têm sido cada vez mais difíceis". É o que ouvimos na sapataria, mas, também, que o ofício que aprenderam ao longo da vida, está encarnado no próprio corpo. Fazer sapatos é construir estratégias em meio às dificuldades do viver.

A experiência adquirida com o tempo transforma os seus movimentos precisos. Quando se observa o trabalho dos sapateiros não é difícil verificar a sincronia que se encontra para executar as tarefas que necessitam, cada um ao seu tempo, em momentos

diferentes do processo. Parecem se harmonizar de uma maneira precisa, como quem assiste uma orquestra com os mais variados instrumentos, todos em plena harmonia respeitando o tempo, a intensidade, o vigor de cada uma das partes que compõe o corpo musical. Isso não significa que os desentendimentos não existam.

Assim também é o trabalho do sapateiro que tivemos a oportunidade de conhecer.

O reparo a ser realizado num sapato que acaba de chegar à primeira vista parecia simples, mas antes mesmo de iniciar o processo, um dos sapateiros anuncia que aquele tipo de calçado costuma dar trabalho para consertar. O mais jovem, um tanto incrédulo, diz que não, e que em pouco tempo consegue resolver a questão. Logo de início, o jovem sapateiro percebe que estava enganado a respeito da resolutividade de tal reparo. O que poderia se desdobrar em um sonoro “eu te avisei” do sapateiro mais velho ou até mesmo em uma insistência imprudente do sapateiro mais jovem, se desdobra em um diálogo em nome da possível resolução do problema.

O confronto naquele momento se configurou no que faz avançar e os saberes geracionais entraram em xeque. Ao serem colocados à prova, o que de fato resistirá será aquilo que surge da troca de experiências transmissíveis que se tornam possíveis nesse dialogismo. O diálogo é o que pode caminhar para o estabelecimento de hábitos mais duradouros, estabelecendo estratégias mais eficazes tanto de detecção de problemas como de modos de resolução (SENNETT, 2013).

Há de se considerar os diferentes tempos dos trabalhadores em situação de trabalho e o exercício de uma escuta atenta ao que o outro está dizendo. O saber da experiência se dá por sua relação coletiva com o outro e não pelo seu acúmulo adquirido com o tempo. Uma criança pode transmitir uma experiência a um adulto, pois independente do tempo cronológico, há saberes que atravessam aquela existência, muitas vezes manifestados em instantes como um relâmpago (BENJAMIN, 2012c), quando um certo conhecimento pode ser transmitido.

É preciso estar atento aos instantes, estar disposto a ouvir aquilo que o companheiro de trabalho ao lado está dizendo, uma escuta atenta e cuidadosa, possível por meio da convivência com o outro que, ao ocupar a mesma sapataria e dividir o trabalho, transmite as diferenças como potência do viver em comum, do produzir coletivo.

Narrativas inconclusas

As narrativas produzidas da cidade por meio do ofício de sapateiro nos mostram uma cidade que se faz outra a partir das marcas que esse ofício vem deixando em Cachoeiro do Itapemirim. Uma história que ao ser narrada dá visibilidade ao modo como esses trabalhadores e trabalhadoras vão construindo não apenas os sapatos mas, também, as malhas da cidade. As vidas das coisas se estendem ao longo de múltiplas linhas, enredadas, mas deixando para trás inúmeras "pontas soltas" nas periferias, uma teia ramificante de linhas de crescimento, destacando-se o caráter fluido do processo vital. Coisas, pessoas, ofício, cidade num entremear-se, sempre vazando, uma mistura corpo e mundos. Esse vazamento, esse transbordamento vai se fazendo ao longo dos caminhos que se constrói e se segue na cidade.

Ao tomarmos o ofício dos sapateiros, a partir das experiências narradas por esses trabalhadores, nos deparamos com uma cidade que se faz incompleta, inconclusa, que vaza, como um sapato que chega na sapataria e pode tomar outras formas conforme o artífice sapateiro segue trabalhando nele. Um sapato não é igual ao outro, como também as histórias que se apresentaram a nós. As narrativas apresentadas são incompletas e é por meio dessa incompletude que é possível inventar possíveis (GAGNEBIN, 1997). Percebemos assim que, como em Nápoles (BENJAMIN, 2017), fazemos emergir em Cachoeiro de Itapemirim, por meio do ofício de sapateiro, uma cidade porosa, que permite passagens, e “[...] a passagem produz vida suja, uma modalidade de existência maculada por acontecimentos e afetos que a fazem seguir incompleta, sempre” (BAPTISTA, 2017: 190).

A pesquisa nos mostrou a importância de se considerarem os diferentes tempos dos trabalhadores-habitantes em situação de trabalho e o exercício de uma escuta atenta ao que o outro está dizendo. O saber da experiência se dá por sua relação coletiva com o outro e não pelo seu acúmulo adquirido com o tempo. Uma criança pode transmitir uma experiência a um adulto, pois independentemente do tempo cronológico, há saberes que atravessam aquela existência, muitas vezes manifestados em instantes como um relâmpago (BENJAMIN, 2012c), quando um certo conhecimento pode ser transmitido.

É preciso estar atento aos instantes, estar disposto a ouvir aquilo que o companheiro de trabalho ao lado está dizendo, uma escuta atenta e cuidadosa, possível por meio da convivência com o outro que, ao ocupar a mesma sapataria e dividir o trabalho, transmite as diferenças como potência do viver em comum, do produzir coletivo. Um coletivo à semelhança do que acontece nas ruas, lugar onde límpidos contornos de

identidades, de projetos, ou de qualquer propósito que almeje estabilidade é provocado a tornar-se outro, a inventar-se afetado pela incômoda radicalidade da alteridade. Segundo Benjamin, a rua seria a sua morada.

As ruas são a morada do coletivo. O coletivo é um ser eternamente inquieto, eternamente agitado, que, entre os muros dos prédios, vive, experimenta, reconhece e inventa tanto quanto os indivíduos ao abrigo de suas quatro paredes. Para esse ser coletivo, as tabuletas das firmas, brilhantes e esmaltadas, constituem decoração mural tão boa ou melhor que o quadro a óleo no salão do burguês. (BENJAMIN, 1989: 194)

Nossa aposta na pesquisa foi de produzir uma descontinuidade na história, uma ruptura no fluxo da história, a partir da experiência de trabalhadores-moradores cachoeirenses rompendo com o modelo hegemônico do historicismo, modelo onde somos subtraídos do coletivo que possa interromper e transgredir o curso da história. Nessa perspectiva, os tempos contínuos são mais interessantes do que os homens que os subvertem; já para nós, como para Benjamin, os homens são mais interessantes do que o tempo (BENJAMIN, 2009). Homens, que por meio das suas histórias, impedem a conclusividade do passado, a anestesiante transitoriedade do presente, assim como o torpor da esperança no futuro. Dos sapateiros algo é ensaiado, renunciado como um potente alerta. O passado desses trabalhadores é recusado a ser um mero resquício da tradição de uma cidade. Das narrações nos becos porosos algo germina, ainda sem forma definitiva, como ferramenta para a reflexão dos perigos do agora.

Referências

- BAPTISTA, Luís Antônio dos Santos. Gritos de uma Cidade Porosa. In: RODRIGUES, Heliana de Barros Conde; COSTA, Marcio José de Araujo (orgs.). *Foucault e os modos de vida*. São Luís: EDUFMA, 2017. p. 181-198.
- BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire. Um Lírico no Auge do Capitalismo (Obras Escolhidas, v 3)*. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- BENJAMIN, Walter. N [Teoria do conhecimento, teoria do progresso]. In: BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009, p. 499-530.
- BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas 1: magia e técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e história da cultura*. 8. ed. revista. Tradução Sérgio Paulo Rouanet; prefácio Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Brasiliense, 2012a, p. 213-240.
- BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. In: BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas 1: magia e técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e história da cultura*. 8. ed. revista. Tradução Sérgio Paulo Rouanet; prefácio Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Brasiliense, 2012b. p. 123-128.
- BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito da história. In: BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas 1:*

magia e técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e história da cultura. 8. ed. revista. Tradução Sérgio Paulo Rouanet; prefácio Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Brasiliense, 2012c, p. 241-252.

- BENJAMIN, Walter. Imagens do pensamento. In: BENJAMIN, Walter. *Imagens de pensamento: sobre o haxixe e outras drogas*. Edição e tradução João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica, 2017, p. 7-132.
- BRITO, Janaina Madeira; BARROS, Maria Elizabeth Barros de; JUNGER, Renata. A atividade de pesquisa: formando o corpo-pesquisador nas estrias da cartografia. In: GOMES, Ivan Marcelo; FRAGA, Alex Branco; CARVALHO, Yara Maria de (orgs.). *Práticas corporais no campo da saúde: uma política em formação*. Porto Alegre: Rede Unida, 2015, p. 191-209.
- CLOT, Yves. O ofício como operador de saúde. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, v. 16, n. especial 1, p. 1-11, 2013.
- CRU, Damien. Les règles du métier. In: DEJOURS, Christophe (org.). *Plaisir et souffrance dans le travail*. v.1. Paris: AOCIP, 1987. p. 29-42.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. Infância e pensamento. In: GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Sete aulas sobre linguagem, memória e história*. Rio de Janeiro: Imago, 1997, p. 169-183.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. *História e narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- GERNET, Isabelle; DEJOURS, Christophe. Avaliação do trabalho e reconhecimento. In: BENDASSOLLI, Pedro F.; SOBOLL, Lis Andrea P. (orgs.). *Clínicas do trabalho: novas perspectivas para compreensão do trabalho na atualidade*. São Paulo: Atlas, 2011, p. 61-70.
- INDÚSTRIAS, a engrenagem do progresso. Morro do Moreno, Vitória, 21 jun. 2016. Disponível em: <<http://www.morrodomoreno.com.br/materias/industrias-a-engrenagem-do-progresso.html>>. Acesso em: 3 jan. 2018.
- LIMA, João Gabriel; BAPTISTA, Luís Antônio dos Santos. *Itinerário do conceito de experiência na obra de Walter Benjamin*. Princípios: Revista de Filosofia. Natal, v. 20, n. 33, jan/jun. 2013, p. 449-484.
- MACHADO, Thiago Pereira. *Leituras da cidade onde nada parece passar: olhares do ofício de sapateiro*. 105f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Institucional) Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Vitória, 2019.
- MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política: livro I: o processo de produção do capital*. Trad. Reginaldo Sant' Anna. 33ªed, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.
- MOULIN, Maria das Graças Barbosa; REIS, Cleilson Teobaldo dos; WENICHI, Grace Hitomi. Homens de pedra? Pesquisando o processo de trabalho e saúde na extração e no beneficiamento do mármore: relato de uma experiência. *Cad. psicol. soc. trab.* [online], v. 3-4, p. 47-63, 2001. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-37172001000100004>. Acesso em: 10 jan. 2019.
- MOULIN, Maria das Graças Barbosa. *O lado não polido do mármore e granito: a produção social dos acidentes de trabalho e suas consequências no setor de rochas ornamentais do Estado do Espírito Santo*. 136f. Tese (Doutorado em Saúde Pública) Programa de Pós-Graduação da Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca (ENSP/FIOCRUZ), Rio de Janeiro, 2006.
- NAVARRO, Vera Lucia. *O trabalho e a saúde do trabalhador na indústria de calçados*. São Paulo: Perspec. [online]. vol.17, n.2, p.32-41, 2003.

PACHECO, Ariele Binoti. *Homens e mulheres do mármore e do granito: entre cores e ritmos*. 100f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Institucional) – Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2010.

SANTOS, Gabriela de Brito Martins. *Competências em foco: a gestão com pessoas sob a ótica dos trabalhadores do setor de mármore e granito*. 111f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2011.

SENNETT, Richard. *O Artífice*. Tradução Clóvis Marques. 4ªed. Rio de Janeiro: Record, 2013.

SENNETT, Richard. *Juntos*. Trad. Clóvis Marques. 3ªed, Rio de Janeiro: Record, 2015.

ZAMBONI, Jésio. Gênero profissional como multiplicidade. *Estudos Contemporâneos da Subjetividade*, v. 4, n. 1, p. 101-109, 2014.

Thiago Pereira Machado
Universidade Federal do Espírito Santo
E-mail: thiagopmachadopsi@gmail.com

Maria Elizabeth Barros de Barros
Universidade Federal do Espírito Santo
E-mail: betebarros@uol.com.br

Luís Antônio do Santos Baptista
Universidade Federal Fluminense
E-mail: baptista509@gmail.com

Pablo Cardozo Rocon
Universidade Federal de Mato Grosso.
E-mail: pablocardoz@gmail.com